

# Língua Portuguesa, Linguagem e Linguística 2

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

ABC



 **Atena** Editora

Ano 2018

**IVAN VALE DE SOUSA**

(Organizador)

# **Língua Portuguesa, Linguagem e Linguística 2**

Atena Editora  
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Edição de Arte e Capa:** Geraldo Alves

**Revisão:** Os autores

### Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
L755	Língua portuguesa, linguagem e linguística 2 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. 5.198 kbytes – (Língua Portuguesa; v. 2)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-85107-12-3 DOI 10.22533/at.ed.123181308  1. Língua portuguesa. 2. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. CDD 410
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

E-mail: [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A identidade de um livro simboliza todos os pensamentos e discussões que se pretendem divulgar aos leitores. Quando escrevemos um texto, de certa forma, os nossos interlocutores nos auxiliam na maneira como as ideias serão organizadas na textualidade dos enunciados e nas finalidades que almejamos atingir.

Se nos convencêssemos de que todo plano textual está inserido nas finalidades de informar, formar, convencer e esclarecer algo aos nossos enunciatários, certamente a forma como enxergaríamos o texto e seus elementos constituintes seria ampliada na diversidade que a língua se realiza nos contextos sociais, pois, de certo modo, escrevemos sempre com objeções considerando um contexto e os saberes do nosso interlocutor.

Necessário sempre será discutir o discutível, refazer o que carece de ser refeito, sobretudo no contexto de produção do conhecimento, já que todo processo de aquisição do saber parte de uma das mais importantes e significativas funções da língua que é comunicação entre os sujeitos. Sempre comunicamos por meio do texto algo a alguém e às suas funções que necessitam ser clarificadas nos atos de dizer e produzir.

As comportas do conhecimento abertas pelas reflexões deste livro se revelam aos diferentes leitores, coadunando-se com a plenitude de como a linguagem assume seu único e verdadeiro objeto de interação entre os sujeitos. Comunicamos porque somos partes do ato comunicativo e com essa convicção é que comunicar representa nossos anseios, bem como os esforços de pesquisadores e estudiosos que apresentam e, ao mesmo tempo, revelam as possibilidades de democratização das questões referentes à linguagem com as metodologias e os planos culturais e de identidades nos usos da língua.

Para legitimar a relevância das discussões reveladas em cada texto presente neste livro, a constituição de um mosaico textual de ideais e concepções são apresentadas por seus autores que propõem socializar os diferentes discursos capazes de sustentar as construções feitas em torno do ensino de Língua Materna, embora os estudos apresentados no referido livro não tenham unicamente a discussão que reverbera o trabalho com processo de ensino e aprendizagem da língua no seu contexto de autonomia e competências, mas da compreensão de que a língua se adegue aos meios sociais e às manifestações culturais.

A legitimidade com que os pesquisadores debruçam suas investigações na produção de cada capítulo justifica-se na plenitude diversa como a língua se expande nos diversos contextos de realização. E na função de perceber que sempre há outras formas de refazer o próprio discurso à luz da diversidade com que a linguagem é que se produz em uma corrente processual e metastásica em que os leitores encontrarão trabalhos referentes ao estudo da palavra, ao desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, ao processo analítico de obras e textos literários, aos discursos formulados no imaginário cultural e às reflexões metodológicas de trabalho no contexto

escolar.

O todo deste livro se assemelha à construção de um grande quebra-cabeça em que só tem sentido quando são juntadas todas as suas peças na formulação do plano reflexivo capaz de constituir a relevância desta obra. São, pois, ao todo, dezoito trabalhos que transitam entre os contextos da linguagem, da linguística e das intervenções que estruturam o ensino de língua portuguesa e língua estrangeira nos mais variados contextos de aquisição. Sendo assim, uma síntese de cada texto com as marcas de seus autores pode ser revelada a seguir.

O primeiro capítulo, o pesquisador Ivan Vale de Sousa propõe algumas discussões que aproximam o trabalho com a utilização da pesquisa-ação aos procedimentos da sequência didática, que segundo ele são metodologias interacionistas no ensino da linguagem em que, ao mesmo tempo, rediscute como as implicações pedagógicas são capazes de aproximar os sujeitos *professor* e *aluno* da situação comunicativa com o desvelamento de três modelos de sequência didática elaborados à luz dos objetos didáticos no processo de didatização das práticas de linguagem.

As questões discutidas no segundo capítulo são de autorias de Genilda Alves Nascimento Melo, Andreia Quinto dos Santos e Célia Jesus dos Santos Silva, que rediscutem a necessidade do currículo à luz da docência como propostas de pertencimentos, servindo como requisitos fundamentais para o ensino de Língua Materna. No terceiro capítulo, as mesmas autoras com ordem diferente de apresentação das identidades, Célia Jesus dos Santos Silva, Genilda Nascimento Melo e Andreia Quinto dos Santos trazem à discussão o ensino de leitura e da função do suporte livro didático na instituição escolar de educação básica aproximando as reflexões.

Dóris Regina Mieth Dal Magro, no quarto capítulo, revisita as habilidades de leitura e escrita como eixos norteadores para o desenvolvimento do trabalho docente na disciplina de língua portuguesa à luz dos gêneros discursivos como alternativas eficazes na promoção do letramento e na autoria dos estudantes. O quinto capítulo, Nayara da Silva Camargo e Nilson Santos Trindade destacam os aspectos morfossintáticos da língua Tapayuna, especificamente no que se refere às relações pronominais focalizando ao leitor a compreensão desse processo.

No sexto capítulo, Luiz Antonio de Sousa Netto, Rafaela Cunha Costa e Stella Telles estudam a palavra fonológica na língua polissintética Latundê lançando luzes a algumas teorias apresentadas por estudiosos e ancoradas na concepção interacionista da linguagem. O sétimo capítulo, Maria do Perpétuo Socorro Conceição da Silva e Regina Célia Ramos de Almeida apresentam as marcas de oralidade na escrita compreendendo os processos de monotongação e apagamento do [R] final, no contexto de aplicabilidade e intervenção com alunos do ensino médio.

Thays Trindade Maier, no oitavo capítulo, apresenta um relato de experiências com atividades de leitura da literatura infantil, com a finalidade de despertar e promover a competência leitora no ambiente escolar. No nono capítulo, as autoras Katharyni Martins Pontes, Thaís Pereira Romano e Rita de Nazareth Souza Bentes apresentam o

letramento literário como instrumentalização no ensino de alunos surdos e rediscutem a relevância da acessibilidade do aluno surdo ao contexto literário.

No décimo capítulo, Myriam Crestian Cunha e Walkyria Magno e Silva partem do desenvolvimento disciplinar, refletindo os impactos na formação inicial do professor, além de discutir as estratégias metacognitivas na análise de novas propostas metodológicas no aprendizado de línguas estrangeiras. As reflexões que enfocam o décimo primeiro capítulo, Adriane do Socorro Miranda e Polyana Cunha Campos relatam as contribuições do Projeto Pibid no processo de formação inicial de professores de português como Língua Materna, em que os sujeitos participantes emitem suas convicções na função de bolsistas.

No décimo segundo capítulo, Larissa Rizzon da Silva revela como os fatores socioculturais e identitários são relevantes no processo de reabilitação do afásico, em que as discussões se concentram no contexto de socialização do sujeito com a linguagem. O décimo terceiro capítulo, a simbiose do bumba-meu-boi do Maranhão é tematizada nas reflexões de Joaquim de Oliveira Gomes sob a ótica do discurso e da sustentabilidade em que são propostas as aproximações entre a análise dos discursos à luz das toadas com as questões de sustentabilidade capazes de perpetuar a relevância da manifestação.

Rossaly Beatriz Chioquetta Lorenset, no décimo quarto capítulo, investiga as (des)construções do imaginário de ensino de língua portuguesa na formação superior da graduação em Direito lançando luzes para as vertentes e os saberes linguísticos na concepção da análise do discurso (AD). O décimo quinto capítulo, autoria de Katia Cristina Schuhmann Zilio, os sentidos digitais são discutidos como aproximações do uso da tecnologia na educação propondo questões que são respondidas ao longo das reflexões inseridas no texto.

No décimo sexto capítulo, Priscila Ferreira Bentes passeia entre as páginas da narrativa tecida pelo escritor Benedicto Monteiro, descrevendo o movimento de religiosidade no Círio de Nossa Senhora de Nazaré, além disso, a autora do capítulo aproxima as discussões entre literatura e antropologia com toda a riqueza literária presente na obra utilizada como *corpus* de análise. No décimo sétimo capítulo, Margarida da Silveira Corsi e Gilmei Francisco Fleck analisam a dialogia romanesca atentando-se para as releituras do perfil de uma cortesã, esclarecendo que a imbricação das análises culmina para a estruturação do cordel como uma das marcas da brasilidade.

Edvaldo Santos Pereira e Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões, no décimo oitavo e último capítulo, revelam a urbanidade poética como fonte de inspiração e análise, em parte, do poema *Belém e seu poema*, de Bruno Menezes e readmitem que as imagens criadas no gênero literário partem dos múltiplos olhares do cotidiano.

Ao apresentar aos leitores uma síntese do que pode ser encontrado em cada trabalho que compõe este livro, esperamos que as reflexões contribuam com o processo de ampliação do letramento literário, da metodologia de investigação com a linguagem, lance luzes a outros questionamentos e flexibilize a forma de pensar o

ensino de Língua Materna em uma construção de continuidade. Além disso, sabemos ainda que as discussões, doravante, demonstradas podem, de certa forma, ampliarem-se nos mais diversos contextos de aprendizagem em que o leitor transite o caminho também de produtor de outros discursos.

Prof. Me. Ivan Vale de Sousa

Organizador.

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
METODOLOGIAS INTERACIONISTAS EM QUESTÃO: PESQUISA-AÇÃO E SEQUÊNCIA DIDÁTICA NO ENSINO DA LINGUAGEM	
<i>Ivan Vale de Sousa</i>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
'DOCÊNCIA: CURRÍCULO E PERTENCIMENTO – REQUISITOS BÁSICOS PARA O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA	
<i>Genilda Alves Nascimento Melo</i>	
<i>Andreia Quinto dos Santos Célia dos Santos Silva</i>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>28</b>
O ENSINO DA LEITURA E O LIVRO DIDÁTICO NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA	
<i>Célia Jesus dos Santos Silva</i>	
<i>Genilda Alves Nascimento Melo</i>	
<i>Andreia Quinto dos Santos</i>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>44</b>
LEITURA, ESCRITA E A MEDIAÇÃO DOCENTE NA CONSTITUIÇÃO DA AUTORIA DOS ESTUDANTES	
<i>Dóris Regina Mieth Dal Magro</i>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>56</b>
ASPECTO MORFOSSINTÁTICOS DA LÍNGUA TAPAYUNA (JÊ): ELEMENTOS PRONOMINAIS	
<i>Nayara da Silva Camargo</i>	
<i>Nilson Santos Trindade</i>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>75</b>
ESTUDOS SOBRE A PALAVRA FONOLÓGICA NA LÍNGUA POLISSINTÉTICA LATUNDÊ (NAMBIKWÁRA DO NORTE)	
<i>Luiz Antonio de Sousa Netto</i>	
<i>Rafaela Cunha Costa</i>	
<i>Stella Telles</i>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>85</b>
MARCAS DA ORALIDADE NA ESCRITA: UM ESTUDO SOBRE MONOTONGAÇÃO E APAGAMENTO DO [R] NO ENSINO MÉDIO	
<i>Maria do Perpétuo Socorro Conceição da Silva</i>	
<i>Regina Célia Ramos de Almeida</i>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>104</b>
RELATO DE EXPERIÊNCIA APLICADAS NA PRÁTICA DE ENSINO COMO ESTÍMULO A LEITURA	
<i>Thays Trindade Maier</i>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>114</b>
LETRAMENTO LITERÁRIO: INSTRUMENTOS E ESTRATÉGIAS NO ENSINO DE ALUNOS SURDOS	
<i>Katharyni Martins Pontes</i>	
<i>Thaís Pereira Romano</i>	
<i>Rita de Nazareth Souza Bentes</i>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>124</b>
O IMPACTO DA DISCIPLINA “APRENDER A APRENDER LÍNGUAS ESTRANGEIRAS” NA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR: ESTRATÉGIAS METACOGNITIVAS EM ANÁLISE	
<i>Myriam Crestiam Cunha</i>	
<i>Walkyria Magno e Silva</i>	



<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>139</b>
AS CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO PIBID NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOB A ÓTICA DOS BOLSISTAS	
<i>Adriane do Socorro Miranda</i> <i>Polyana Cunha Campos</i>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>150</b>
A RELEVÂNCIA DOS FATORES SOCIOCULTURAIS E IDENTITÁRIOS NO PROCESSO DE REABILITAÇÃO DO AFÁSICO	
<i>Larissa Rizzon da Silva</i>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>159</b>
DISCURSO E SUSTENTABILIDADE NO AUTO DO BUMBA-MEU-BOI DO MARANHÃO	
<i>Joaquim de Oliveira Gomes</i>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>169</b>
FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DO IMAGINÁRIO DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM GRADUAÇÃO DE DIREITO	
<i>Rossaly Beatriz Chioquetta Lorenset</i>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>184</b>
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO: SENTIDOS DO DIGITAL	
<i>Katia Cristina Schuhmann Zilio</i>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>198</b>
DAS PÁGINAS LITERÁRIAS À EXPERIÊNCIA ANTROPOLÓGICA:UMA VIAGEM N'O CARRO DOS MILAGRES DE BENEDICTO MONTEIRO	
<i>Priscila Ferreira Bentes</i>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>208</b>
DA CAMÉLIA AO MANDACARU: RELEITURAS DO PERFIL DE UMA CORTESÃ	
<i>Margarida da Silveira Corsi</i> <i>Gilmei Francisco Fleck</i>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>227</b>
A URBANIDADE POÉTICA DE BRUNO DE MENEZES EM “BELÉM E O SEU POEMA”	
<i>Edvaldo Santos Pereira</i> <i>Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões</i>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>233</b>

## DISCURSO E SUSTENTABILIDADE NO AUTO DO BUMBA-MEU-BOI DO MARANHÃO

**Joaquim de Oliveira Gomes**

Faculdade Pitágoras do Maranhão

São Luís- Maranhão

**RESUMO:** É impossível pensar a vida na terra sem estabelecer um contato vital com o meio ambiente, o que se tornou um dever de casa, que exige mudanças de comportamento, vontade política e emprego de tecnologias para a preservação, manutenção e uso da terra de forma sustentável. Este trabalho faz parte de um projeto maior de pesquisa, que se encontra em estágio inicial visando identificar o discurso de sustentabilidade presente no auto do bumba-meu-boi do Maranhão, principalmente nas toadas mais conhecidas de São Luís, capital do Estado. Com isso, espera-se conhecer os modos como a natureza vem sendo apresentada nas toadas, aliada a uma proposta de sustentabilidade do meio ambiente, como uma forma de relacionar as manifestações folclóricas do Maranhão, especialmente o bumba-meu-boi, atentas com o desenvolvimento sustentável do planeta, bem como o registro de sua má utilização. Para tanto, recorre-se a autores que trabalham com a linguagem, notadamente com a Análise do Discurso, cuja natureza permite trazer o sujeito como produtor de um discurso.

**PALAVRAS-CHAVE:** linguagem, discurso,

sustentabilidade, meio ambiente.

**ABSTRACT:** It is impossible to imagine life on Earth without making a vital contact with the environment, what has become an obligation that demands behavior change, political will and the employment of technology to preserve, maintain and use natural resources in a sustainable way. This study is part of a broader research project, which is in its beginning, and aims to identify the idea of sustainability present in the State of Maranhão's bumbameu-boi, especially in its most known songs in São Luís, capital of said State. It is intended to understand how nature has been depicted in bumba-meu-boi songs, along with an idea of the environmental sustainability, as a way of relate Maranhão's cultural aspects, especially bumba-meu-boi, that is aware of the planet's sustainable development, as well as how natural resources' misuse has been presented in those lyrics. For that, it is referred to authors who theorize about Language, especially Discourse Analysis, whose essence allows the agent to be the producer of a discourse.

**KEYWORDS:** language, discourse, sustainability, environment.

## 1 | INTRODUÇÃO

Chegamos a um nível de saturação da terra que já não se pode mais pensar a vida sem o devido cuidado com o meio ambiente. Ao longo de toda a sua história, a natureza precisou “gritar” para ser ouvida. Mesmo assim, ainda estamos longe de atender aos reclames do meio ambiente.

O mundo globalizado, o mundo da tecnologia, o mundo da informação não tem empreendido esforços suficientes para aliar o crescimento e a vida sustentável na terra.

Nesse cenário, as convenções, os tratados e as tomadas de decisões passam à largo que do realmente a vida na terra precisa. Aliar interesses políticos com as demandas ambientais e sociais tem sido um entrave nos rumos que se quer dar ao planeta.

Portanto, toda e qualquer ação que coloque o meio ambiente em evidência deve ser levada em consideração e constituída como um fator decisivo para a vida na terra.

Este trabalho pretende investigar um ramo do folclore brasileiro, como um setor de desenvolvimento social, capaz de engrossar a fila dos segmentos que lutam em prol da vida na terra.

Preocupar-se com o meio ambiente passou a ser uma tarefa de todos os seres humanos. Compreender e empreender alguma ação nesse sentido tem sido uma luta que se arrasta antes mesmo do Encontro de Estocolmo em 1972, e perdura até os nossos dias. E assim será para sempre se quisermos um planeta vivo, o que se entende, com seres humanos e toda a espécie de vida que existir, seja em sua fauna, flora e seus recursos naturais.

A luta é diária e precisa ser de todos. Sabe-se que o grande mobilizador e executor desse compromisso é o Estado, mas, por outro lado, compreende-se que cada cidadão no mundo inteiro é parte integrante e responsável por esse processo.

Como se vem expondo, a sociedade civil, principalmente aquela que agrega um número significativo de pessoas em sua volta, deve servir para promover a sensibilização, a conscientização e o apoio necessários ao combate de ações que trazem dano ao meio ambiente.

Nessa linha, recorre-se aos grupos folclóricos, geralmente oriundos de camadas menos favorecidas da sociedade e que se localizam em áreas periféricas, para levantar questões que valorizem a vida na terra. O bumba-meu-boi, como expressão do folclore brasileiro, notadamente, com maior repercussão no Nordeste, é o centro desta investigação.

A cidade de São Luís, capital do estado do Maranhão, localizada na região nordeste, com características intermediárias da região norte, possui um dos maiores movimentos folclóricos de bumba-meu-boi do país, com características peculiares de seu povo e de sua miscigenação, reunindo milhares de pessoas durante as apresentações nos festejos juninos, período de maior expressão, com seus diferentes

sotaques e variadas toadas – canções populares, que tematizam desejos e sonhos, decepções e nostalgias, agradecimentos e louvações, ou ainda, fazendo sátiras de situações pontuais da vida atual, seja local, regional ou nacional.

É nesse contexto das toadas de Bois de diferentes sotaques, que se pretende analisá-las para identificar a forma como vem sendo construído o discurso da sustentabilidade. A inquietação partiu das seguintes indagações: haveria um discurso de sustentabilidade nas toadas de bumba-meu-boi de São Luís? Se há, como é construído? Antes, porém, faz-se um apanhado sobre os estudos do meio ambiente.

## 2 | O MUNDO E A QUESTÃO AMBIENTAL

O homem evoluiu de uma maneira invejável, mas, por outro lado, ainda conserva um espírito egoísta, preconceituoso, individualista e irresponsável consigo mesmo, com o outro e com as coisas que o cercam. Fome, miséria e pobreza extrema de alguns povos evidenciam a forma desumana como as políticas governamentais foram construídas em benefício de poucos. E, para acentuar ainda mais essas questões, ainda há os desvios de dinheiro público, característico das sociedades em desenvolvimento. Outro fator preocupante e que está no centro das atenções mundiais, são as políticas de crescimento e desenvolvimento dos países, que agredem de forma irresponsável o meio ambiente, em prol de grandes projetos industriais, que geram emprego e alavancam a economia.

Mas o mundo despertou para os impactos que esses investimentos produzem, bem como para a necessidade de crescimento social. Dessa forma, propõe um ajuste nessas políticas de maneira a aliar o desenvolvimento com o respeito ao meio ambiente, o que se denominou de políticas de desenvolvimento sustentável. Um caminho longo. Sobre essa trajetória, toma-se Monteiro (2015), em seu artigo, publicado na Revista do CEDS, Periódico do Centro de Estudos em Desenvolvimento Sustentável da UNDB:

A ideia de ‘sustentabilidade’ está presente na história da civilização humana desde tempos remotos e, ainda hoje, é claramente vislumbrada no conhecimento coletivo de comunidades tradicionais. Entretanto, a exata expressão ‘desenvolvimento sustentável’ da civilização contemporânea ocidental trata-se, propriamente, de um conceito que vem sendo produzido histórica e discursivamente desde a segunda metade do século XX até os dias atuais. Essa produção histórica e discursiva tomou palco inicialmente na arena política internacional, mais propriamente no seio de conferências mundiais concernentes aos temas de meio ambiente e desenvolvimento promovidas pela Organização das Nações Unidas – ONU. (MONTEIRO, 2015).

Então, desde a primeira reunião mundial da Conferência das Nações Unidas (ONU) em Meio Ambiente Humano, realizado em Estocolmo, no ano de 1972, e as demais que se seguiram, os países passaram a debater sobre os impactos ambientais produzidos pelos grandes investimentos, o que vem gerando ações de combate e de conscientização sobre o uso adequado do meio ambiente, em qualquer dimensão, seja local, regional, nacional ou mundial, sem deixar de fora as condições sociais

e educacionais, decisivas para o trato adequado da natureza. Um mundo verde é o que se deseja. O mundo verde é o que se quer. E se não se pode restaurar o que foi degradado, mas que se torne menos degradado, é que se pode e deve fazer. Esse é o caminho de um mundo renovado, sustentável. Segundo o economista mexicano Enrique Leff,

O discurso do desenvolvimento sustentável busca gerar um consenso e uma solidariedade internacionais sobre os problemas ambientais globais, apagando interesses opostos das nações e grupos sociais em relação ao usufruto e manipulação dos recursos naturais para o benefício das populações majoritárias e grupos marginalizados da sociedade. (LEFF, 2001, p. 68).

Para tanto, é preciso mobilizar todas as cadeias produtivas da sociedade em prol da própria sobrevivência do homem na terra. Não só as cadeias governamentais, empresariais, mas, também, a comunidade civil. Ensinar para as gerações que estão chegando, como somos responsáveis pelo ecossistema, pela fauna, pela flora tornou-se uma obrigação. O rio que corre hoje pode desaparecer se não cuidarmos de suas nascentes e das áreas marginais de seu curso.

Mesmo com toda a discussão sobre a utilização adequada da terra, que já se arrasta por mais de quatro décadas, com uma expressiva adesão de empresas, entidades de classe, governos e agentes não-governamentais, é preciso tornar obrigatório nas pessoas a importância da sua prática adequada com a utilização do meio ambiente.

Como todo movimento, cuja repercussão produz cores e sons para todos os lados, mas, em seguida, vindo a cair no esquecimento, a questão do uso do planeta não pode ser tomada como um movimento, e sim como uma ação permanente e responsável, e que esteja na pauta principal das políticas governamentais e sociais.

De Estocolmo até a presente data, muita coisa já se fez, mas, ainda, é preciso fazer muito mais. Não é interessante que os países assinem os tratados se não cumprem as metas, se não sejam fiscalizados, se não desenvolvam ações concretas para o benefício do homem, uma vez que o processo de institucionalização dessas questões já existe. Segundo, Ferrari (2014),

Neste panorama vemos, em todos os níveis, que os acordos e interesses políticos são extremamente vulneráveis (quando não voláteis), e que os atores se dispersam com mesma rapidez que se aglutinam quando algo se mostra – ideologicamente – interessante, lucrativo ou danoso à imagem de suas agremiações e alianças políticas.

Nesse caminho, talvez os países que ainda possuem áreas verdes como o Brasil, por exemplo, deva servir de modelo para os outros, que já ceifaram suas matas, secaram seus rios e acabaram com a sua fauna, conservando e reeducando a sua população para os impactos que o homem produz na natureza, mesmo com pequenos gestos. É preciso orientar as pessoas de baixa renda e aquelas que se valem da natureza para sua sobrevivência, e que estão longe de uma educação ambiental, para que não venham a sofrer com a degradação do meio ambiente.

Assim, as campanhas e todas as políticas voltadas para o uso sustentável da terra são benéficas, recomendadas e aceitas. Não podemos mais desconhecer ou ficar alheios sobre os impactos negativos que o homem causa na natureza. As grandes cidades, por exemplo, entram em colapso com uma simples chuva, em decorrência do descarte mal feito de lixos domésticos, da construção de moradias em ambientes inadequados, dentre outros problemas de ordem estrutural, educacional e político.

Estamos em plena era da tecnologia, que provoca uma revolução no comportamento social das pessoas. As mídias eletrônicas estão presentes em todas as áreas sociais. O homem mudou o seu comportamento em razão dessas mídias. Mas, o homem não mudou como deveria, a favor do meio ambiente. Por isso, é importante que os movimentos e grupos sociais, principalmente aqueles com maior penetração na sociedade se mobilizem para forjar um pensamento crítico e apurado sobre uma sociedade sustentável.

Nessa corrente, é preciso utilizar esses espaços como braços mobilizadores de uma sociedade politicamente correta, em que o uso sustentável do meio ambiente seja o centro das questões deste século. A terra urge por um cuidado permanente realizado por toda a sua gente. Daí, a necessidade de trazer para o centro das questões ambientais as comunidades de base em suas diferentes atuações, por entender que possuem um poder de mobilização e de credibilidade junto aos seus membros.

Mas será que os grupos sociais com maior penetração na sociedade estão atentos para o uso adequado do meio ambiente? O que tem sido feito por essas agremiações para o combate ao uso indiscriminado da terra? Qual seria a contribuição que as figuras de destaque dessas comunidades, como cantores e cantadores de grupos folclóricos, estão promovendo na sociedade?

Dessa maneira, pensa-se, em especial, nos grupos de bumba-meu-boi do estado do Maranhão, força vital e de maior larga na sua cultura local, regional e nacional. O que tem sido feito para proteger o meio ambiente? Estariam vinculados a algum movimento de combate ao uso indiscriminado da terra?

É importante salientar que esses grupos de bumba-meu-boi, simplesmente denominados de Bois, atraem uma multidão de pessoas ao seu redor, dançando, cantando e celebrando as festividades dos santos juninos, durante todo o mês de junho, sem contar com os meses de maio e agosto, sendo o primeiro, com os “ensaios” e os “batizados dos bois” que antecedem a brincadeira oficial, e o segundo, com os festejos “da morte” do Boi.

### **3 | O BOI DO MARANHÃO**

A festança do Boi no Maranhão, principalmente em sua capital, São Luís, já se arrasta por mais de cem anos, e a cada ano cresce o número de pessoas de dentro e de fora do Estado, fazendo a alegria de seus brincantes e da economia.

O culto ao boi, conforme atesta o Dossiê do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) (2011), ocorre de diferentes maneiras e está presente em várias partes do mundo, “[...] atestam ter esse animal papel preponderante nas representações socioculturais de povos do Mundo Antigo”.

No Brasil, o culto ao boi se dá em várias regiões, com identificações diversas. A sua origem é motivo de muita controvérsia. No Maranhão, o auto do Bumba-meu-boi conta a história de Catirina, mulher do vaqueiro da Fazenda. Grávida, deseja comer a língua do boi mais bonito da Fazenda. Para atender ao pedido da mulher, Francisco, ou Chico, rouba o boi e tira-lhe a língua. Ao serem descobertos, são castigados e o dono da fazenda tenta de todas as formas fazer renascer o seu novilho predileto. Os pajés ou Cazumbas, também chamados de Cazumbás, são chamados para fazer uma pajelança de modo a ressuscitar o boi. Depois de muita dança, o boi renasce e se tem um final feliz com todos dançando em sua volta. Para alegrar a Fazenda, nove dias de festas foram realizados. Cantadores se revezam fazendo toadas, cantigas em homenagem ao boi morto/ressuscitado e aos demais personagens. É importante salientar, que os Bois se distinguem uns dos outros pelo sotaque, ou seja, como entoam as suas toadas – de matraca, de zabumba, de orquestra e de costa-de-mão, como pode ser constatado abaixo, segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) (2011):

Usualmente, costuma-se dividir os grupos de Bumba-meu-boi em cinco estilos, conhecidos como sotaques: da Ilha ou de matraca, de Guimarães ou de zabumba, de Cururupu ou de costa-de-mão, da Baixada e de orquestra, originários de São Luis, dos municípios de Guimarães, Cururupu, de Viana e da região do Rio Munim, respectivamente.

Com os passar dos anos, essas toadas ganharam novos temas e saíram da fazenda para cidade, enfatizando os seus encantos e problemas, que variam de acordo com o momento, seja pela derrota da seleção brasileira para a seleção da Alemanha, seja pela derrubada de um Presidente, pelo amor de uma donzela que se vê pela janela de um ônibus, ou ainda, pela natureza. Daí o nosso interesse em identificar como as questões ambientais são trazidas por esses cantadores de Boi do Maranhão. Em que condição se apresenta a Terra. É preciso descobrir se existe, como existe e como se dá a visão da sustentabilidade do planeta nas toadas de Boi.

#### **4 | DISCURSO E SUSTENTABILIDADE**

A partir das noções de discurso, ou seja, compreendendo como ele se organiza, enquanto formação ideológica, formação discursiva, interdiscurso, posição do sujeito, etc., segundo Pêcheux (1988), pode-se categorizar as construções do entendimento de sustentabilidade, uma vez que o discurso se constitui como representação histórico-social de um povo. E, mais ainda, ao se tomá-lo como transformador da realidade social.

Por isso, percorrer este caminho investigativo, principalmente por comportar duas grandes áreas do saber, como a linguagem e o meio ambiente. Ambas falam por si só da real necessidade de se realizar esta investigação. A primeira, por se constituir como natureza incondicional do homem. É nela, com ela e por ela que o homem se realiza. E, a segunda, por se constituir em ponto vital para a existência do planeta. Sem ele, nada sobreviveria. São formas de manifestação da vida que estão imbricadas. O homem é linguagem. A natureza é o homem. É com essa visão que se busca reconhecer nas toadas de bumba-meu-boi algum discurso que comporte a problemática das sociedades atuais: viver de forma sustentável com o meio ambiente.

Dessa maneira, toma-se as toadas “Natureza” e “Ressoou no universo”, do Boi de Morros, de composição de Lobato, para identificar a presença da natureza e as questões ambientais que podem suscitar. As toadas foram escolhidas de forma aleatória, disponibilizadas em sites da internet, mas principalmente, por apresentar o universo desejado: a natureza. São elas:

#### **Natureza – (Lobato)**

Oh! como é bonito  
Ver a natureza  
Toda verdejante, toda cintilante  
De céu claro e de água pura  
Ver voar os pássaros  
Ouvir o rouxinol  
As nascentes dos rios, córregos e mares  
O nascer e o pôr do sol  
Oh! não destruam  
Com a Amazônia, não!  
Floresta e o índio primeiro da nação  
Quem trabalha a terra  
E tira dela o seu pão  
Acho que já é hora da gente rever  
O progresso que queremos fazer  
Pois o mundo precisa  
Da natureza pra sobreviver

#### **Ressoou no universo – (Lobato)**

Ressoou no universo, ressoou  
O cacique a gritar, a gritar  
Clamando a tribo pra guerra  
Pra terra e água preservar  
Índio primeiro elemento  
A viver neste imenso torrão]  
Tendo o sol e a lua  
Como deuses de sua proteção  
Vivendo da caça e da pesca



Dos rios água pura benção  
Use o arco e a flecha na preservação  
Tribo guerreira arma a trincheira, contra a poluição  
Dos rios e fontes e igarapés  
E riachos de Morros Maranhão  
Tribo guerreira prepara a trincheira  
Que a água é símbolo de união  
Ela é motivo de paz  
E não de guerra entre as nações  
Povos da humanidade  
Pregai e lutai para preservar  
O planeta azul ele é nossa casa ele é nosso lar  
Espírito que dá vida a água  
Sem ela o planeta não tem vida não  
Ele é o presente de Deus  
Paraíso da Criação

## 5 | A ANÁLISE

A toada “Natureza”, de Lobato, pertencente ao bumba-meu-boi do Maranhão, apresenta um universo/registro que o título sugere, falar da natureza, e logo nos primeiros versos já formaliza o seu encantamento com a paisagem vislumbrada, marcada pela evocação “Oh! Como é bonito ver a natureza /toda verdejante ...”. A toada poderia ser dividida em dois momentos, o primeiro representado pela exaltação e contemplação da natureza, e o segundo, pela conclamação à preservação da natureza, a partir de uma constatação: Pois o mundo precisa/Da natureza pra sobreviver. Portanto, há uma quebra na visão da paisagem antes apresentada de romântica para uma paisagem desajustada da primeira.

A segunda toada “Ressoou”, do mesmo autor, também se restringe ao mundo da natureza, porém de maneira mais contundente e assumindo uma posição de enfrentamento. Como se percebe, é dado ao Cacique o papel de condutor e responsável pela guerra que deve ser estabelecida contra aqueles que estão destruindo a natureza. O elemento água encontra-se no centro das questões: água é vida! O que já não se representa mais como uma ameaça, mas como uma realidade em diversas partes do mundo. Novamente a natureza é tomada sob um ponto de vista crucial, em que o homem é o seu principal algoz.

O discurso da sustentabilidade, como é sabido, é marcado pelo uso da natureza de forma consciente: a preservação, a manutenção e a exploração de forma adequada/sustentável. As toadas revelam a presença desse discurso enquanto produtor de conhecimento, do perigo da exploração da terra sem o seu devido manejo. Expressões como “progresso” simboliza a ação danosa do homem na terra. Portanto, é preciso

rever o progresso que queremos fazer, como acentua Lobato.

Esse discurso é o discurso de todos que estão preocupados com o fim da natureza, um lugar que já não é mais só seu, mas de todos aqueles que reconhecem o desafio de viver em harmonia com a natureza. Com essa relação, os discursos se misturam na e pela linguagem.

Na ótica da Análise do Discurso, a linguagem não é um simples instrumento de comunicação ou de transmissão de informação. A linguagem é o lugar de conflitos e confrontos. O lugar da interação. Um mundo dialético entre sujeitos que ocupam lugares distintos, representativos de outros lugares, outros discursos, como afirma Bakhtin (1988), Pêcheux (2009).

As toadas em questão produzem discursos mediados por outros discursos, assumindo posições de enfrentamento e de alerta para o uso da natureza. Nessa perspectiva, são representações discursivas para além do universo em que estejam inseridas, portanto sujeitos sociais com suas histórias, capazes de mobilizar outros discursos.

## 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que este trabalho esteja em fase embrionária, pode-se perceber uma forte vinculação das toadas de bumba-meu-boi do Maranhão com as propostas atuais sobre o meio ambiente, deixando de lado o estado contemplativo da natureza para imprimir um olhar mais crítico e reflexivo sobre a continuação da existência da vida no nosso planeta.

A Análise do Discurso serviu para construir a trajetória teórica dos estudos, por trazer as condições para o entendimento do sujeito no processo de construção de seu discurso. Dessa maneira, observar a presença de um discurso pautado no princípio da sustentabilidade, produzido por uma manifestação de maior riqueza folclórica do estado do Maranhão, o bumba-meu-boi, serviu para compreender que essas manifestações, muitas vezes marginalizadas, participam da vida política e social do seu País, ainda que estejam em posições de assujeitamento.

Por fim, as toadas de bumba-meu-boi, cuja função primeira deve ser de atender ao processo de fruição e encantamento de seus apreciadores, vai além, ao produzir questões que fazem parte do momento atual – a preservação do meio ambiente, mas acima de tudo se constituem como uma prática discursiva, como assinalam os estudos da linguagem.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud, Yara Frateschi Vieira e outros. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1991.

COMISSÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A RIO+20. **Guia Rio+20**. Rio de Janeiro, 2012.

FERNANDES, Cleudemar. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas: 2005.

FERRARI, Alexandre Harlei. **De Estocolmo, 1972 a Rio+20, 2012: o discurso ambiental e as orientações para a Educação Ambiental nas recomendações internacionais**. 2014. Tese (Doutorado). UNESP. Disponível em: <<http://repositório.unesp.br>>. Acesso em: 4 jul. 2016.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão. **Dossiê do registro como Patrimônio Cultural do Brasil**. São Luís: Iphan, MA, 2011. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie\\_bumba\\_meu\\_boi\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_bumba_meu_boi(1).pdf)>. Acesso em: 4 jul. 2016.

LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001.

MONTEIRO, Isabella Pearce de Carvalho. **Desenvolvimento Sustentável: a evolução teórica, o abismo com a prática e o princípio de responsabilidade**. 2015. Disponível em: <<http://www.undb.edu.br/>>. Acesso em: 4 jul.2016.

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. 6.ed. São Paulo: Pontes, 2005.

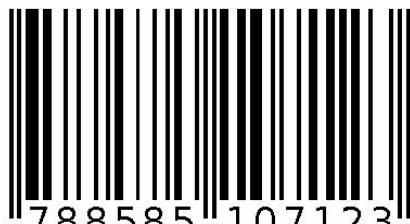
\_\_\_\_\_. **Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade**. São Paulo: Pontes, 2006.

\_\_\_\_\_. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4.ed. Campinas: Pontes, 2003

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica á afirmação do óbvio**. Tradução de Eni P. Orlandi. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-85107-12-3



9 788585 107123